

A não-binaridade em podcasts brasileiros: existências políticas dissidentes, diálogo e construção da autodeterminação identitária.

La no binaridad en los podcasts brasileños: existencias políticas disidentes, diálogo y construcción de autodeterminación identitaria.

Non-binarity in Brazilian podcasts: dissident political existences, dialogue and construction of identity self-determination.

CHALINI TORQUATO¹

Resumo: Neste trabalho são estudados dez podcasts que tratam a não-binaridade (NB), identificando sete categorias de discussão: Definições em torno da NB, Existências políticas e leitura social, Depoimentos e processos pessoais, Binaridade institucional, Representação e informação, Violência e saúde mental e Questão religiosa. Conclui-se que mídias acessíveis têm grande potencial de fomentar discursos para transformação social, especialmente quando apropriadas por sujeitos dispostos a compartilhar suas experiências de autodeterminação, a denunciar violências subjetivas e simbólicas e a reivindicar suas existências políticas.

Palavra-chave: não-binaridade; gênero; podcast.

Resumen: En este trabajo se estudian diez podcasts que tratan sobre la no binaridad (NB), identificando siete categorías de discusión: Definiciones en torno a la NB, Existencias políticas y lectura social, Testimonios y procesos personales, Binarismo institucional, Representación e información, Violencia y salud mental y Cuestión religiosa. Se concluye que los medios accesibles tienen un gran potencial para fomentar discursos de transformación social,

¹ Professora adjunta da Escola de Comunicação da UFRJ, doutora em Comunicação (PósCom/UFBA). Coordena o Núcleo de Pesquisa de Gênero, Mídia e Potências Subversivas (Subversa) e compõe o Grupo de Política e Economia Política da Comunicação (PEIC), ambos da UFRJ.

especialmente cuando son apropiados por sujetos dispuestos a compartir sus experiencias de autodeterminación, denunciar la violencia subjetiva y simbólica y reivindicar su existencia política.

Palabras clave: no binário; género; podcast.

Abstract: In this work, ten podcasts dealing with non-binarity (NB) are studied, identifying seven categories of discussion: Definitions around NB, Political existences and social reading, Testimonials and personal processes, Institutional binary, Representation and information, Violence and mental health and Religious issue. It is concluded that accessible media have great potential to foster discourses for social transformation, especially when appropriated by subjects willing to share their experiences of self-determination, to denounce subjective and symbolic violence and to claim their political existence.

Keywords: non-binarity; genre; podcast.

Introdução

O isolamento social imposto pela pandemia de Covid 19 acentuou algumas tendências de consumo de conteúdo *online*, como é o caso de podcasts. Em 2022, dados indicam que o Brasil ficou em quinto lugar no *ranking* mundial de crescimento na produção de podcasts, sendo que 57% dos entrevistados começaram a ouvir esse formato durante a pandemia, por motivos associados à companhia ou busca por temas de interesse (VILELA, 2021). O baixo custo da produção desse formato o tem consolidado como alternativa viável para uma gama muito diversa de produtores de conteúdo e promovido uma multiplicação de debates e assuntos disponíveis gratuitamente. O caráter de bate-papo tão comum a podcasts e bem aceito pelo público tem oferecido a possibilidade de diálogo sobre temas mais complexos, como o questionamento de valores cis hétero-patriarcais, por exemplo, tão presentes nas reflexões identitárias de cunho mais amplo na pós-modernidade.

Debates de diversidade e gênero têm também encontrado espaço nessas plataformas. Eles passam a ser cada vez mais identificados como elemento político e cultural fundamental na reivindicação de autonomia de corpos dissidentes, se encontrando cada vez mais presentes em redes sociais, fomentando discussões muitas vezes carentes de maior embasamento e informação. Tal demanda nem sempre tem sido respondida à altura por instituições tradicionais como universidade e família, por exemplo, o que pode, inclusive, gerar vácuo para a desinformação e para a perpetuação de ignorância e de violências dela decorrentes. Por conta disso, sujeitos

divergentes de gênero, raça e sexualidade, que buscam acesso a esses debates e conscientes em sua percepção de cidadania e suas opressões históricas, observam que espaços de diálogo alternativos precisam ser criados para aproximação de seus pares e validação dessas existências (CASTELLS, 2013).

Esse fenômeno de tensionamentos da normatividade tem ocorrido no espaço público de forma pulverizada, como é característica própria das redes, mas por vezes se unem, encontrando ecos e avançando em reflexões que a mídia tradicional nem sempre é capaz de acompanhar adequadamente, ou se apropria com sensacionalismo e esvaziamento. Notícias de famosos como Demi Lovato, Bárbara Paz, Sara Ramirez que se declararam como sendo pessoas não-binárias, por exemplo, têm colocado em xeque o ainda tão incipiente e superficial conjunto de reflexões públicas sobre transgeneridade nesses espaços (BÁRBARA PAZ, DEMI LOVATO..., 2021). Por se tratar de um tema novo para o grande público, mas ainda marginalizado, é importante observar o quanto as pessoas que se identificam como não-binárias (NB) vivem essa lacuna de informações que compromete não apenas seu processo de busca individual, mas também a formação coletiva de uma sociedade que ela irá enfrentar.

É neste cenário que o presente estudo se insere. Trata-se de uma pesquisa exploratória voltada a episódios de podcasts brasileiros nos quais o tema da não-binaridade é tratado com centralidade. Para isso, a metodologia utilizada foi, em princípio, um levantamento teórico em bases referenciais para estudos de gênero e, em seguida, a pesquisa no banco de dados da maior plataforma de *streaming* consumida no Brasil, a Spotify. Foi selecionada uma amostragem de dez episódios de programas sobre não-binaridade, detalhados mais adiante, que foram ouvidos e decupados, de forma semiestruturada, observando elementos singulares e em comum presentes nos conteúdos.

Nesse sentido, buscou-se identificar quais são os aspectos considerados mais relevantes sobre esta pauta pelo próprio público não-binário, considerando autodeterminação, lugar de fala e autonomia de experiência (LAURETIS, 2019; TORQUATO, 2021), para em seguida, estruturá-los em categorias passíveis de discussão que vão sustentar a reflexão aqui proposta.

Gênero, binaridade normativa e a busca pela autodeterminação.

Gênero configura os conjuntos de significados culturais designados e assumidos pelo corpo sexuado, num processo de rompimento da unidade do sujeito como ser biológico, impondo seu enquadramento numa esfera específica e localizada numa estrutura de poder. Não haveria um corpo sem a sua interpretação cultural agregada e anterior a sua existência – uma facticidade anatômica pré-discursiva inegavelmente associada ao seu sexo biológico. “[...] ‘o corpo’ aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma” (BUTLER, 2003, p. 27). O corpo seria, portanto, mero instrumento diante do qual um conjunto de significados culturais é artificialmente relacionado, antes mesmo de o sujeito que nele vive perceber-se como tal. Estruturas de coerção binárias modelam-no, assim como sua subjetividade, fazendo essa reprodução parecer natural, pertinente a uma racionalidade universal reguladora.

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruía a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2003, p. 59).

De tal maneira, a binaridade de gênero seria uma das mais fundamentais formas de condicionamento subjetivo, disciplinando sujeitos em estruturas associadas exclusivamente ao masculino ou ao feminino, diante das quais suas funções sociais, em complexas estruturas de exploração, ficam não apenas estabelecidas, como também vigiadas. Parte fundamental dessa determinação subjetiva se dá através da linguagem. Marcações de gênero presentes gramaticalmente para designar substantivos ao qual associam um gênero fictício dão lugar a uma definição ontológica que reforça, na linguagem, uma divisão dos seres em sexos. Feministas americanas, contudo, entenderam que não se trata de uma determinação lexical inócua e natural, mas trata-se de uma determinação de categoria sociológica, já que os sexos foram construídos artificialmente como categorias políticas de opressão (WITTIG, 2018).

A linguagem lança feixes de realidade sobre o corpo social, marcando-o e moldando-o violentamente. Por exemplo, os corpos de atores sociais são

modelados por linguagem abstrata e também por linguagem não abstrata. Pois há uma plasticidade do real em face da linguagem: a linguagem tem uma ação plástica sobre o real (WITTIG, 2018, p. 95).

Os pronomes, elementos tão importantes para a designação de existência de sujeitos não-binários e transgêneros, por exemplo, são designações que localizam os seus locutores em relação ao discurso, são caminhos de entrada e de apropriação da linguagem que colocam os sujeitos em determinadas lacunas de designações sexuais. Normativamente, o masculino se localiza na fluida neutralidade do discurso, enquanto o feminino exige demarcação, por não ser o universal, ou seja, precisa ser anunciada e denunciada, sob a forma física própria, numa representação de uma dominação, a delimitação de um espaço demarcado. O universal é continuamente apropriado pelos homens como uma imposição de uma categoria sobre a outra, num ato realizado ao nível dos conceitos, da filosofia, da política e dos direitos (WITTIG, 2018). De tal maneira, a linguagem marcada pelo gênero binário priva de subjetividade todos aqueles que não se enquadram, algo fundamental para reflexões de ordem ontológica e existencial. Por conta disso, Monique Wittig (2018) defende a superação dessas designações de gênero, bem como a criação e utilização de pronomes neutros.

Gênero, como dito, é uma representação de pertencimento ou categorização, atribuindo a uma entidade, como uma pessoa, por exemplo, uma certa posição dentro de uma classe e também das outras classes já constituídas. “Assim, gênero representa não um indivíduo, e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe” (LAURETIS, 2019, p. 125). De tal maneira, é possível perceber nas mais diversas sociedades que a estrutura de diferenciação sexo-gênero é sistematicamente ligada a profundas assimetrias e reprodução de desigualdades. Esse sistema sexo-gênero é tanto sociocultural quanto simbólico, semiótico, atribuindo todo um esquema de significados (como prestígio, *status*, valor) a indivíduos inseridos numa sociedade. Assim, de acordo com Teresa de Lauretis (2019), a construção do gênero é tanto produto quanto processo de sua representação, pois a representação social do gênero afeta sua construção subjetiva e vice-versa, a sua representação subjetiva afeta sua construção social.

Isso, entretanto e paradoxalmente, abre a possibilidade de agenciamento e autodeterminação tanto no nível subjetivo quanto individual, nas práticas micropolíticas cotidianas (LAURETIS, 2019). Trata-se de quebras de paradigmas teóricos e de condutas opressoras que tantas vezes são

reproduzidas silenciosamente sem que tenhamos consciência disso. Tais espaços de exercício de autodeterminação precisam, muitas vezes, se localizar marginalmente aos discursos hegemônicos, em fendas e brechas de contestação, subjetividade e autorrepresentação, nas práticas cotidianas.

Paul Preciado (2019), por sua vez, traz sua contribuição para o debate discorrendo sobre a localização política de corpos sexuados dentro do regime político da heterossexualidade, orientado para a administração dos corpos e da gestão calculada da vida no âmbito da biopolítica.

O corpo *straight* é o produto de uma divisão do trabalho de carne, segundo a qual cada órgão é definido por sua função. Uma sexualidade qualquer implica sempre uma territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus. É assim que o pensamento *straight* assegura o lugar estrutural entre a produção da identidade de gênero e a produção de certos órgãos como órgãos sexuais e reprodutores. Capitalismo sexual e sexo do capitalismo. O sexo do vivente revela ser uma questão central da política e da governabilidade (PRECIADO, 2019, p. 422).

E mais adiante, ele nos apresenta as multidões que não se contentam em existir numa marginalidade eventualmente e pretensamente incluída pelo discurso progressista-liberal, mas que questiona profundamente um sistema que criou privilégios para uma identidade dominante. Trata-se de uma multiplicidade de corpos que se levantam em resistência aos regimes sexopolíticos que determina quem são os “normais” e os “anormais”. “A tomada da palavra pelas minorias *queer* é um advento mais pós-humano do que pós-moderno: uma transformação na produção, na circulação dos discursos nas instituições modernas (da escola à família, passando pelo cinema ou pela arte) e uma mutação dos corpos” (PRECIADO, 2019, p. 427).

Não-binaridade tratada em Podcasts

Essa tomada da palavra em processos de autodeterminação questionadores da normatividade se relaciona ainda com processos autônomos de rompimento de um silenciamento estrutural e reivindicação de lugares de protagonismo de fala, uma condição essencial para a legitimação de existência de sujeitos sociais (TORQUATO, 2021). No ambiente das comunicações, muitos desses processos de construção de narrativas autônomas têm se dado pela apropriação de mídias digitais, como é o caso dos podcasts (CASTELLS, 2013). Através da eclosão desse formato é possível ver o questionamento fundamentado não apenas de valores patriarcais e heteronormativos, mas também de práticas coletivas que reproduzem tais discursos hegemônicos, que

podem ser tão silenciosos quanto são violentos em relação às diversas formas de existência.

Esta seção traz a apresentação breve dos programas estudados, bem como a discussão das categorias identificadas. Para esta pesquisa, foi utilizada a ferramenta de busca da plataforma Spotify, na qual se escreveu o termo “não binaridade” e, com base nesse retorno, foram selecionados os dez primeiros episódios sugeridos em que os termos “não-binário”, “não-binaridade” (ou sua variação “não-binariedade”²) e “binarismo” aparecem nos títulos. A data desta pesquisa foi 20 de setembro de 2022 e os episódios selecionados datam de 2020 a 2021.

Os episódios selecionados e suas descrições encontram-se na tabela abaixo:

| | Nome do episódio | Podcast, data e duração | Descrição dos episódios e links |
|----------|--|---|--|
| 1 | #13 Binarismo | Degenerados Março de 2020 – 45min | O que é não binário? Como se dá essa identificação? Todo trans é não binário? Seria o não binário o caminho mais próximo para a abolição do sistema ³ de gênero? No episódio de hoje, convidamos @lunenb para nos ajudar a refletir sobre questões de gênero e não binariedade. Lune fala sobre sua identidade e vivências, nos conta sobre as diversas leituras que recebe socialmente e como se relaciona com elas. Por fim, compartilha dicas de como se revelar não binário para família e de como comunicá-la à sociedade. https://tinyurl.com/ycknj6f5 |
| 2 | #36 – Não binariedade e a quebra dos padrões de gênero (feat T. Angel) | Parachoque e de monstro Jun de 2020 1h30min | Em um mundo de arestas e de valorização das linhas retas ditas perfeitas, borrões não são bem-vindos ou bem vistos. O que não se enquadra no X ou no Y, no A ou no B, ou em qualquer outra dicotomia predeterminada, não é visto com bons olhos ou, ainda pior, não é respeitado como existente. Essa é a realidade de muitas pessoas que fazem parte do espectro da não binariedade e que têm suas existências negadas por padrões de gêneros impostos. Pra conversar sobre isso com a gente, trouxemos a T. Angel (@tang3l), que deixou o papo muito mais interessante e enriquecedor com suas visões e vivências. Bora dar esse play e amar esse episódio tanto quanto a gente amou! https://tinyurl.com/tx559hz7 |
| 3 | #74 – não binariedade com Bê Carbonieri | Podcastão Jun de 2021 51min | Nesse episódio Bê Carbonieri (bsapatomica) explica sobre a Não Binariedade, que está dentro do + da nossa sigla! https://tinyurl.com/3abr85ty |
| 4 | 91 Não-binariedade bíblica | Redomascast 28 jan 1h17 | Bem vindes a mais um Redomascast! No episódio de hoje, Luciana Petersen convida Allie Terassi, Cris Serra, Jon Damasceno para conversar sobre não-binariedade, gênero, transfobia na igreja e a construção de uma teologia não-binária. https://tinyurl.com/rn5cvaeu |

² Trata-se de uma alternativa algumas vezes recorrida para inserir o “e” quando se substantiva o adjetivo não-binarie.

³ A grafia aqui 'cistema' é proposital, referindo-se ao termo cis'.

| | | | |
|-----------|---|--|---|
| 5 | #9 não binaridade e fluidez de gênero (feat. Brune Diez) | Desabafos de um Millennial Abr 2021 42min | Nesse episódio eu tenho o prazer de trazer mais um amigo de longuíssima data pra falar de um assunto super necessário e importante! Prepare-se para atingir o “nirvana” e enxergar além da binaridade de gênero. Brune (@bru.mdiez) se reconheceu recentemente como uma pessoa não-binária masculina e veio contar um pouquinho mais sobre esse processo de descoberta e os desafios que pessoas trans que não se encaixam em nenhuma das duas caixinhas de gênero passam na nossa sociedade. Um dos episódios mais interessantes que já gravei! @pereslu https://tinyurl.com/3ybstwmf |
| 6 | #57 Na dúvida bota o “e” no final (só que não!) – um papo sobre não binariedade com Belle Marques | Biscoito Jun 2021 55min | Abrindo o mês do orgulho LGBTQIAP+, recebemos Belle Marques para uma aula sobre não binariedade! https://tinyurl.com/464axaxf |
| 7 | #172 – Entenda a Não-binaridade + As novas regras de aposentadoria | Papocast Jun 2021 33min | Felipe Reis fala sobre os principais temas da semana sempre com uma pitada de cultura, moda, séries, música e muito mais! https://tinyurl.com/3mdsx98w |
| 8 | Visibilidade não-binária | Sexo Explícito Julho de 2021 26 min | Dia 14 de julho é celebrado o Dia Internacional das Pessoas Não-Binárias. Aproveitei a data para conversar com Gabi Baesse, pessoa não-binária, sobre essa identidade de gênero que ainda é envolta em tantas dúvidas para algumas pessoas. Recentemente, na mídia, celebridades como Bárbara Paz, Sam Smith e Demi Lovato se declararam como sendo pessoas não-binárias, [...] https://tinyurl.com/pe4kzxf4 |
| 9 | Corpo livre e não binário | Toda Gente, Um podcast sobre nós Julho de 2019. 31 min | Beta Boechat é a convidada do "Toda Gente" desta semana. O jornalista Juliano Dip conversa sobre o processo de transição, sobre corpo livre e o gênero não binário. Confira no quarto episódio do "Toda Gente", um podcast sobre nós, sobre uma sociedade mais diversa, sem preconceito. https://tinyurl.com/45k874e2 |
| 10 | Não-binaridade | i-Psi Entrevista Junho de 2020 21min | No dia do orgulho LGBTQIA+ conversamos com Luca Rondine, uma pessoa agênero que divide conosco algumas de suas experiências e nos ajuda a entender mais sobre essa identidade de gênero. https://tinyurl.com/3276kme7 |

Tabela 1: elaboração da autora (2022)

Após as primeiras escutas dos episódios para decupagem de temas, informações e falas apresentadas, buscou-se identificar elementos relevantes, comuns ou isolados, para os propósitos do estudo. A posterior classificação e organização desses elementos, aos propósitos de uma pesquisa exploratória, resultou nas seguintes categorias de discussão: Definições em torno da NB, Existências políticas e leitura social, Depoimentos e processos pessoais, Binaridade institucional, Representação e informação, Violência e saúde mental e Questão religiosa.

Discussão de categorias da pesquisa exploratória

a) Definições em torno da NB

Um primeiro elemento que se mostrou relevante na investigação é que todos os programas em seu início se dispuseram a trazer definições em torno da não-binaridade, sempre colocadas por seus entrevistades,⁴ pessoas que se identificam dessa forma. De maneira didática, todos informaram que a não-binaridade é uma identificação “guarda-chuva” para um espectro de formas de existência que não se identificam com os gêneros binários normativos. Dentro dele pode haver, portanto, pessoas agênero, que seriam aquelas cuja identidade nega tanto o masculino como o feminino, pessoas de gênero fluido, que encontra sentido entre esses dois polos, mas sempre em movimento, entre outras formas que os transgride. Seria, muitas vezes, a ideia de um “borrão” dessas fronteiras, uma existência mais identificada com a rasura do que com uma definição precisa, como afirma T. Angel no episódio “#36 – Não binariedade e a quebra dos padrões de gênero” do podcast Parachoque de Monstro (2020). É também recorrente na amostragem a informação de que não existe um protocolo com regras sobre como existir como uma pessoa NB, pois são processos íntimos e individuais que fazem sentido justamente por subverter determinações pré-estabelecidas.

Em alguns episódios, vê-se a necessidade de analisar o enquadramento da pessoa NB à sigla LGBTQIA+, especialmente por que parte dos entrevistadores são gays e lésbicas cisgênero. A maior parte das pessoas entrevistadas identifica que muito embora *Queer* represente toda a comunidade, no Brasil, utilizamos mais a sigla extensa e, dentro dela, pessoas NB estariam mais identificadas dentro de Transgêneros. Em todos os episódios

⁴ Por coerência com a reflexão proposta e respeito ao fenômeno estudado optaremos por utilizar a linguagem com marcadores neutros quando devido.

em que este tema é colocado afirma-se que o próprio fato de não se identificar com o gênero que lhe foi socialmente designado já enquadraria os sujeitos em Transgênero, podendo esta pessoa se encontrar negando os dois polos, fluindo entre eles, ou mais localizada próxima de algum deles. Por isso, vamos encontrar na amostragem identificações como pessoa não-binária transmasculine ou transfeminine, por exemplo.

Cabe salientar que os episódios estudados foram ao ar anteriormente à utilização da sigla LGBTQIAPN+, que passou a ser mais utilizada a partir de 2022, em cuja letra “N” foi adicionada justamente para identificação expressa da comunidade NB.

Já no que diz respeito à sexualidade, alguns entrevistados dizem sentir-se mais à vontade com definições de “sapatão” ou “gay” por serem formas políticas de existir, com as quais eles sempre se identificaram, além de ser comunidades nas quais foram acolhidos em sua vida. Uma alternativa a isso, informa o episódio “*Não-binaridade*” do podcast i-Psi Entrevista, seriam definições mais específicas como androsssexual, que é pessoa que sente atração pelo gênero masculino, ou ginesssexual que é a pessoa que sente atração pelo gênero feminino.

b) Existências políticas e leitura social

O episódio “#13 *Binarismo*” do podcast Degenerados informa o quanto identificar-se como uma pessoa não-binária por si só já seria um posicionamento político por contrariar o sistema patriarcal e cisgênero. Existem marcadores físicos ou simbólicos costumeiramente associados aos gêneros binários que, quando o sujeito é ou não lido socialmente como associado a eles, tem colocada em jogo a chamada “passabilidade”. Quando a passabilidade não é tão presente, as violências tendem a ser muito mais agressivas e recorrentes. É algo, portanto, que pode oferecer algum poder inclusivo, quando a “passabilidade” confere alguma aceitação social, mas também, conforme colocado pelos entrevistados, pode estar associada a uma invalidação social da existência de vivências dissidentes do binário.

A definição do termo “não-binário” tem ainda importância política em dimensões simbólicas e práticas, como informa T. Angel em Parachoque de monstro:

A partir do momento que a gente reconhece, que a gente dá nome para as coisas elas começam a existir. A gente pode pensar em políticas públicas, em sistema de educação, olhar, mapear melhor o nível de vulnerabilidade

nessa população. São muitas questões que surgem a partir do momento que a gente enxerga e dá nome para isso.⁵

Conferir existência também ajuda a identificar pares, representações públicas, e a entender-se como parte de um grupo. A ignorância sobre a existência de pessoas NB seria, entretanto, confortável e até mesmo fundamental para a manutenção de um sistema de relações de poder essencialmente binário, por isso, segundo as falas dos episódios, superá-la parece tão ameaçador.

c) Depoimentos e processos pessoais

Em todos os episódios estudados pessoas NB foram convidadas para falar com protagonismo sobre o tema e os entrevistadores, em geral pessoas *cis*, se reservaram ao lugar de escuta e aprendizado. Interessante observar que a maioria das informações e reflexões compartilhadas se sustentam nas vivências desses sujeitos e encontram eco em outras vivências similares e é a comunicação dessas histórias que vai construir as pontes de diálogo e mesmo de validação dessas experiências, algo muito semelhante ao que é trazido por Castells (2013), quando menciona o poder da comunicação como ferramenta capaz de gerar elos de empatia.

De acordo com os depoimentos apresentados por todes convidades dos programas da amostragem, a busca por um entendimento dessas pessoas não-binárias entrevistadas passou por identidades lésbicas e gays, que foram as primeiras a serem acessadas. Algumas vezes essa busca também passou pela identidade andrógina, como estética que ficou tão famosa com artistas e bandas como *Placebo*, *The Cure*, *David Bowie*.

A maioria das pessoas reclamou da falta de informação de maior qualidade ou discussões com aprofundamento até mesmo na internet que, quando existe, está em inglês, o que exclui ampla parcela da população de acessar. Essa lacuna informacional sobre a identidade NB também atinge as esferas institucionais.

d) Binaridade institucional

Como parâmetro coletivo hegemônico, a binaridade encontra-se imposta em toda a estrutura social que cotidianamente violenta e desampara corpos dissidentes nos espaços que deveriam ser de acesso a direitos, como saúde e

⁵ Informação verbal, 2020. Disponível em <https://tinyurl.com/tx559hz7>

educação. O episódio do podcast Degenerados, por exemplo, apresenta como pessoas não-binárias acabam tendo a necessidade de *hackear* regras e benefícios que foram muito recentemente conquistados para a população transgênero, em procedimentos médicos de hormonização ou cirúrgicos, por exemplo, ou em escolas, faculdades e trabalho, para se valer de nome social, ratificação de documentos. Por diversas vezes esses processos passam por etapas burocráticas de verificação social ou psicológica, em que o sujeito vê-se sendo compelido a exagerar uma disforia ou uma rejeição à própria imagem para que não lhe neguem procedimentos que são essenciais para sua existência na não-binaridade. Quando a pessoa opta por afirmar-se como não-binário nesses ambientes, os depoimentos apresentados demonstram que a falta de informação e a opressão podem ser tamanhas que ela se sente sujeitada a uma humilhação pública.

A língua portuguesa é outra instituição fortemente marcada pelo binarismo de gênero, conforme colocado por Wittig (2018), e tem assistido adaptações para incluir pessoas NB. É o caso dos pronomes “elu/delu”, por exemplo, ou das demarcações em adjetivos com “e” ao invés dos associados ao masculino “o” ou ao feminino “a”, como é informado em muitos dos episódios estudados, em especial o “#57 Na dúvida bota o “e” no final (só que não!) – um papo sobre não binariedade com Belle Marques” do podcast Biscoito (2021). Em inglês, esse processo dá-se pelo uso do pronome “them” e tem sido colocado como demarcador necessário para várias pessoas em redes sociais e programas de televisão. Esse tema remete a capacidade e necessidade de a língua se adaptar a novas demandas sociais e políticas.

A família, por sua vez, especialmente a herdada pela cultura cristã e burguesa, aparece nas discussões estudadas também como uma instituição que impõe, muitas vezes de maneira violenta, a binaridade. Segundo os relatos, convidades que tentaram explicar sua não-binaridade para a família não tiveram sucesso e, muitas vezes, continuam sendo enxergados como pessoas cis gays, lésbicas ou outras categorizações de pessoas transgênero e, por isso, sugerem que este diálogo seja feito apenas dentro do limite de diálogo que é possível dentro de casa.

e) Representação e informação

Quando o tema é representação na mídia e informações disponibilizadas ao grande público, estão presentes em alguns dos episódios estudados críticas ao caráter sensacionalista que diversas matérias adotam ao focar no

sofrimento de pessoas transgênero, na violência que sofrem, contribuindo para uma representação estigmatizada. No que se refere a pessoas NB, as representações são consideradas ínfimas. Entrevistades falam em ficções, como as séries *This Is Us* (Prime), *Todxs* (HBO) e *Sex Education* (Netflix) e o documentário *We Exist* (Prime), entre outros ainda raros referenciais.

Declarações de pessoas famosas, portanto, como a cantora Demi Lovato e a atriz Sara Ramirez, colocam em xeque essa desinformação. Em muitos episódios essas declarações de famosos parecem ter um efeito muito positivo, pois criam representações reais possíveis para outras pessoas NB. Contudo, a reação das pessoas nas redes sociais denota ignorância e preconceito. Entrevistades falam de comentários pejorativos como “não-binaridade está na moda”, tal qual anteriormente já havia sido associado a outras identidades dissidentes.

f) Violência e saúde mental

Outro tema colocado de forma recorrente durante os episódios é o quanto todas essas opressões, silenciamentos e violências refletem-se na saúde mental de pessoas NB. Essa violência pode vir através de olhares curiosos em rastreio por elementos demarcadores (como a presença de seios, por exemplo) ou pode ser expressada de forma mais direta como violência verbal e física, implicando, inclusive, em risco de morte.

Está presente também na patologização de pessoas transgênero, naturalizada por expressões como “nasceu no corpo errado”, como sendo algo a ser corrigido e que distorce a existência de muita gente, inclusive pessoas intersex. Acessar tecnologias de redesignação é muito caro; então isso se torna inacessível para muita gente, impactando diretamente em sua autoestima e na expectativa de sua existência. Assim, se há enfrentamentos conservadores ameaçadores para a saúde mental de diversas pessoas que propõem discussão de gênero, essa lógica se acentua para corpos NB e transgêneros.

No que se refere aos índices de violência física e morte, aqueles relativos a pessoas trans são alarmantes, colocando o Brasil no topo do *ranking* mundial, mas sobre pessoas NB esses dados são praticamente inexistentes, o que faz esse tema ser um grande vácuo tanto para a conscientização coletiva quanto para políticas preventivas. Todos esses aspectos compõem um conjunto de negações existenciais que têm impactos bastante nocivos para a saúde mental de pessoas NB.

g) Questão religiosa

Na presente amostragem, o tema da religião surge exclusivamente no episódio “91 Não-binariedade bíblica” do podcast Redomascast. Nele, três convidadas, que são pessoas não-binárias e que pertencem a diferentes religiões, dialogam sobre qual o seu lugar dentro de igrejas que historicamente têm sido tão opressoras com identidades *queer*. Elus dizem que acessaram a religião através de igrejas abertas ao público LGBTQIAPN+, que se tornaram cada vez mais comuns no Brasil, mas lamentam que a sua identidade NB ainda seja muito confundida com as outras.

Por conta disso, defendem a importância de ocupar esses espaços, validar sua existência e garantir que esse grupo social que sofre tanta invisibilização tenha direito de contato com a espiritualidade, com valores relativos à paz, vida e esperança, especialmente quando a violência pode ser tão cotidiana em suas vidas. A igreja precisa, contudo, segundo elus, se repensar, superar essa necessidade de punir e de vigiar para assumir um papel de acolhimento comunitário maior e necessário para essa população vulnerável.

Considerações finais

É possível se afirmar que, embora a diversidade tenha se tornado um lugar comum nas esferas sociais, políticas e ambientes midiáticos, a questão da NB ainda se encontra marginalizada no discurso público. Para fazer frente a isso, pessoas que se identificam como parte dessa comunidade começam a falar mais frequentemente sobre as suas existências, apropriando-se de ferramentas midiáticas cada vez mais disponíveis pela digitalização (CASTELLS, 2013). No presente estudo, a maioria dos episódios adotou uma postura mais educativa, apresentando a pauta numa perspectiva introdutória, oferecendo um panorama de problemáticas presentes nela. A partir de uma abordagem exploratória e semiestruturada de análise, foi possível identificar e discutir sete categorias temáticas apresentadas por entrevistades NB.

No que se refere a *Definições em torno da NB*, muitos entrevistadores pareciam genuinamente pouco informados sobre essas nomenclaturas e a postura didática des entrevistades denota uma conduta fundamental para programas voltados ao grande público. Essa postura facilitadora também pareceu ser o objetivo nas discussões em que o foco era *Existências políticas e leitura social* e a violência coletiva diante de corpos dissidentes sem tanta passabilidade, outra categoria identificada. Exemplos de pessoas, assim como

dados e argumentações a respeito dessas opressões perpassam diversos episódios e convidam a uma reflexão empática de vivências que por vezes podem estar distantes do cotidiano do/a/e ouvinte.

Depoimentos e processos pessoais, para além de ser um método inclusivo de valorização de experiências autônomas, prática do compartilhamento da escuta e do protagonismo da fala, permite ao público conhecer e humanizar cada história. Cada convidade ao compartilhar sua trajetória enfatiza como esses movimentos de autodescoberta e autodeterminação de gênero, embora particulares, têm elementos comuns, como a percepção inicial de acordo com identidades sexuais dissidentes já conhecidas, por exemplo. Quanto à *Binaridade institucional*, ela é denunciada como uma violência sistêmica, que não apenas nega direitos, reconhecimento de existência e afetos, como o familiar, mas também dialoga diretamente com a vigilância sobre os corpos, compelindo-os a *hackear* o sistema para terem acesso aos poucos direitos conquistados para a população trans, como mencionado anteriormente, ou o próprio *hackeamento* da linguagem generificada.

Representação e informação, como categoria, demonstra como a mídia tradicional ainda carece de espaços para esclarecimentos sobre NB e que, muito embora algumas pessoas famosas comecem a se identificar dessa maneira, a esfera pública ainda parece muito deficitária de informações mais aprofundadas e de exemplos positivos. Essa grande lacuna informacional acaba por contribuir com a exclusão e o silenciamento de pessoas NB, reforçando o ciclo de reprodução de violências simbólicas, compartilhado pelo imaginário coletivo ainda pautado na binaridade. Alguns exemplos de representação de NB na mídia são apontados, mas considerados tímidos e praticamente inexistentes nas produções nacionais.

Dessa maneira, como abordado no ponto *Violência e saúde mental*, os aspectos acima descritos em conjunto criam o cotidiano inóspito que gera impactos crônicos na saúde mental de pessoas NB, sistematicamente anuladas, patologizadas e sentindo muitas vezes que sua vida está em risco.

Por outro lado, a categoria *Questão religiosa* coloca em pauta a importância de frentes inclusivas que, em todo o Brasil, criaram as igrejas abertas às comunidades LGBTQIAPN+, um passo imprescindível para acolhimento, espiritualidade, senso de coletividade e pertencimento para uma comunidade que padece de tantas violências sociais. Muito embora esses espaços apresentem suas limitações, eles têm sido confrontados a repensar o seu papel dentro dessas comunidades, inclusive por pessoas NB.

Por fim, é possível afirmar que os programas de podcast analisados identificam e buscam responder à demanda de informar, conversar e acolher o tema da não-binaridade, complementando os ainda incipientes debates nas esferas públicas e na mídia tradicional, respeitando lugares de fala de minorias sociais, bem como validando seus saberes, suas experiências e sua autorrepresentação. Tais mídias acessíveis, tanto no que se refere à produção quanto ao seu consumo, têm grande potencial de fomentar debates e fortalecer diálogos para transformações sociais, especialmente quando apropriadas por sujeitos dispostos a compartilhar suas experiências de autodeterminação, a expor violências e a reivindicar suas existências políticas, educando e convocando o público para a reflexão coletiva.

Podem até ser minorias nos espaços de poder institucionais, mas na verdade são multidões, nos termos de Preciado (2019), que já não mais se contentam com a marginalidade ou com uma inclusão conveniente de marcas, *clickbaits* e oportunismos mercadológicos, por exemplo. Se elas passam a ser reconhecidas e fazem crescer a sigla LGBTQIAPN+ é porque cada vez mais a normatividade se perde diante das denúncias de sua ausência de sentido. Essas multidões reivindicam seu direito à comunicação (TORQUATO, 2021), sua expressão de mundo, questionando institucionalidades e linguagem excludentes, reproduções silenciosas de valores disciplinadores de corpos para serem adaptados a um sistema reprodutivo autoritário que oprime e violenta subjetividades dissidentes, como são as de pessoas NB. Mas elas tomam a palavra, assumindo as rédeas de sua autodeterminação, contestando paradigmas e fazendo também a disputa simbólica, como aqui, se apropriando de plataformas de podcasts para fazer ecoar sua voz, suas existências e criar diálogos possíveis.

Referências

BÁRBARA PAZ, DEMI LOVATO... Saiba quem são os famosos que se identificam como não-binários. **Extra**. 28 mai 2021. Disponível em <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/barbara-paz-demi-lovato-saiba-quem-sao-os-famosos-que-se-identificam-como-nao-binarios-25038210.html>>. Acesso em 05 out 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In HOLLANDA, H. B (org). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. Pp. 397-409.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". In Hollanda, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, 421-429 pp.

TORQUATO, Chalini. Minorias, lugar de fala e direito à comunicação na mídia: entre o ativismo pela cidadania e a mercadorização de pautas sociais. **InTexto**, Porto alegre, UFRGS, n. 52, e-104996, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/104996>

VILELA, Luiza. Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção de podcasts. **Consumidor Moderno**. 23 jul 2021. Disponível em <<https://www.consumidormoderno.com.br/2021/07/23/podcasts-modelo-pandemia-brasil/>>. Acesso em 05 out 2022.

WITTIG, Monique. A marca do gênero. in BAPTISTA, Maria Manuel (org.). **Gênero e Performance**: textos essenciais. Vol 1. Coimbra: Grácio Editor, 2018. Pp.93-104.

Recebido em: 05-10-2022

Aceito em: 21-11-2022